

RELATÓRIO SOBRE A CONCLUSÃO DA ETAPA III DE PESQUISA DE CAMPO
DO PROJETO ETNOGRÁFICO WAIMIRI-ATROARI

Após uma interrupção de vários meses, em decorrência de falta de verbas, desde o início da Etapa III (iniciada entre novembro de 1983 e fevereiro de 1984), o pesquisador voltou à área indígena Waimiri-Atroari no dia 22 de dezembro de 1984. Após um período de duas semanas no Posto de Terraplenagem, e 15 dias no Posto Alalauá I^o, o pesquisador empreendeu visitas de dois dias ao aldeamento de indígenas transferidos do Posto Indígena Taquari (posto que, se diz, vai ser atingido pelo reservatório da represa de Balbina) para um local aproximadamente 30 minutos de motor de popa acima da BASE da FUNAI, na beira do rio Alalauá; dois dias ao Posto Taquari (atualmente com poucos indígenas, que estão sendo transferidos para o aldeamento acima da BASE após aproveitarem dos produtos do roçado em Taquari; dois dias ao Posto Indígena Abonari (que também, se diz, vai ser atingido pelas águas do reservatório de Balbina); um dia em Tobupuna (duas horas de motor de popa acima do P.I. Abonari); e quatro dias ao aldeamento de Xery, que se localiza a 4 Kms do Posto Indígena Jundiá e 1,5 kms da beira da estrada BR174 com estrada de acesso construída pela FUNAI.

Durante este período de conclusão da Etapa III de pesquisa, o pesquisador recolheu dados mais precisos sobre a sociedade Waimiri-Atroari e a sua situação atual, dando mais ênfase na situação de contato interétnico, além de conferir dados já recolhidos.

Neste último ano se observou várias mudanças na área.

Primeiro, houve deslocamentos de grupos de indígenas dos aldeamentos dos postos da FUNAI. Um grupo de indígenas que se deslocou do aldeamento Xery no início do ano passado, construiu uma aldeia nas cabeceiras do rio Alalauá, ao leste do alto rio Alalauá (aproximadamente 02° 25' Sul, 60° 18' Oeste) aproximadamente 16 kms do limite do nordeste da área indígena. Os motivos principais para este deslocamento, segundo os indígenas, eram desentendimentos entre facções internas e a escassez de caça no aldeamento perto do P.I. Jundiá e Núcleo de Colonização. Além da aldeia acima mencionada, os Waimiri-Atroari informam que estes indígenas estão trabalhando em outros roçados nas cabeceiras do rio Alalauá.

A escassez de caça perto do Posto Indígena Terraplenagem, e outros Postos na beira da estrada BRI/4 levou a uma dependência cada vez mais acentuada em alimentos enlatados e industrialmente beneficiados fornecidos aos indígenas pela FUNAI (muitos destes alimentos vêm da Mineração Taboca).

Houve outro deslocamento de indígenas do P.I. Alalaú Iº para um local designado pelos funcionários (e assumido pelos Waimiri-Atroari) "Jará", aproximadamente 33 kms. rio acima, na margem direita do baixo rio Alalaú, onde os Waimiri-Atroari estão construindo uma "vila" de casas pequenas. Este deslocamento, segundo os indígenas, foi feito em consequência da escassez de peixe no baixo rio Alalaú e no rio Jauaperí (o último rio, nos limites da área indígena, está sendo cada vez mais penetrado por caçadores, pescadores e coletadores de produtos florestais, do rio Negro e de Manaus.)

O pesquisador não pôde visitar o Posto Indígena Camanaú, em decorrência do esgotamento de verbas e falta de tempo, mas ele entrou em contato com quinze indígenas dos subpostos Marê e Curiaú, na Casa do Índio e num hospital de Manaus. Informaram que a maioria dos indígenas do vale do Camanaú está distribuída entre estes dois postos onde estão fazendo roças grandes, e que, um grupo pequeno, que voltou do Posto Marê após desentendimentos entre facções internas para sua aldeia no alto rio Camanaú em 1982, visitado pelo pesquisador em 1983, permanece na sua aldeia e faz visitas periódicas ao Posto da FUNAI para confeccionar farinha e obter ferramentas e outros bens manufaturados.

Outro fato de destaque que o pesquisador observou é o crescimento da influência da Mineração Taboca (Paranapanema) na área. O pesquisador testemunhou que os Waimiri-Atroari estão pedindo frequentemente ao coordenador do NAWA que ele os leve à Taboca na viatura da FUNAI para "passear", "trocar artesanato", extrair dentes e consultar o médico. O Viana, também, pede material de construção da Taboca (Viana é um "capitão" Waimiri-Atroari).

O pesquisador não pode acompanhar os Waimiri-Atroari em suas visitas à Taboca, nem entrevistar funcionários da Mineração, pois sua solicitação para fazer uma visita para coleta de dados para a tese de doutoramento na UnB foi negada pelo Diretor Superintendente da Mineração Taboca.

O pesquisador foi informado que uma grande parte das provisões de alimentos do NAWA, além de certos materiais de constru-

ão, vêm da Mineração Taboca.

O atual coordenador está incentivando os Waimiri-Atroari a confeccionar artesanato, uma parte de que ele vende na Mineração Taboca (às vezes acompanhado pelos Waimiri-Atroari), e compra bens industrializados para os Waimiri-Atroari.

Considerando que os "overlays" mais atualizados do DNPM mostram que a maior parte da Área Indígena Waimiri-Atroari foi requerida por empresas de mineração (principalmente por subsidiárias da Paranapanema) interessadas em realizar pesquisa de mineração, o pesquisador reitera que, na sua opinião, a FUNAI deve tomar providências com a máxima urgência para demarcar uma Reserva Indígena Waimiri-Atroari, que não seja menor que a área já delimitada, e que seja adequada para a sobrevivência do referido grupo segundo o Estatuto do Índio (Lei nº 6.001, Título I, Art. 2º, IX).

Considerando que houve um aumento de invasões na área Waimiri-Atroari, por exemplo no Igarapé do Cachimbo, e pela estrada, o pesquisador sugere que a FUNAI considere a possibilidade de deslocar alguns dos funcionários para pontos estratégicos nos limites da área indígena, como, por exemplo, no baixo rio Santo Antonio do Abonari, para impedir que invasores potenciais penetrem na área indígena.

Os rapazes adolescentes Waimiri-Atroari que estavam trabalhando na BASE da FUNAI no início de 1984, e morando no alojamento dos funcionários da BASE, já tinham regressado aos seus aldeamentos, permanecendo um rapaz de aproximadamente 16 anos de idade, apelidado "kabahá", isolado do seu povo e trabalhando na cozinha da BASE. Este informou o pesquisador que ele vai ser funcionário e nunca mais voltará a morar com seu povo.

O pesquisador observou, como observara nas etapas anteriores de pesquisa de campo, que a FUNAI está mantendo uma alta densidade de funcionários na área em relação à população indígena.

Considerando que o pesquisador não teve oportunidade nesta Etapa de visitar todos os Postos e aldeias, e que a FUNAI não dispõe de dados precisos a respeito de nascimentos e óbitos para o ano 1984 na área dos Waimiri-Atroari, o pesquisador não tinha condições de calcular a mudança populacional. Porém, sem incluir o vale do Camaná, para o qual o pesquisador não dispõe de dados atuais, o número de nascimentos superou o número de óbitos, e se pode estimar uma população de aproximadamente 350 Waimiri-Atroari em toda a área.

O número de funcionários na área Waimiri-Atroari em 1983, era 59. A população masculina adulta (maior de 15 anos de idade) dos Waimiri-Atroari é de aproximadamente 38 indivíduos. Com 59 funcionários da FUNAI na área (não contando as mulheres e filhos de alguns funcionários), há uma média de 01 funcionário para 1,49 homens Waimiri-Atroari. Se contarmos somente os homens Waimiri-Atroari acima de 21 anos de idade, o número de funcionários para homens Waimiri-Atroari é muito mais alto, considerando que muitos dos homens Waimiri-Atroari estão na faixa etária de 15 a 20 anos de idade.

Esta alta densidade de funcionários em contato constante com os Waimiri-Atroari criou uma situação em que a vida dos Waimiri-Atroari está completamente dominada pelos funcionários, os indígenas cumprindo horário de serviço, frequentemente junto com os funcionários ou dirigidos por eles, tendo sido submetidos abruptamente a um estilo de vida completamente alheio a sua vida tradicional. Em alguns Postos os Waimiri-Atroari estão construindo "vilas" com casas pequenas e cozinha comunal, seguindo os padrões dos funcionários, e batendo sinos para marcar o horário como o pesquisador observou em Tobupuna.

Apesar do coordenador do NAWA, no seu Relatório da Situação atual do NAWA/Postos Subordinados: 15/01/85, declarar que "não existem atritos no relacionamento entre indígenas e servidores, tendo em vista a conscientização do respeito à cultura, uso e costumes dos indígenas com quem trabalhamos", vários Waimiri-Atroari relataram ao pesquisador abusos sexuais, de alguns funcionários, das mulheres Waimiri-Atroari, incluindo um incidente em que dois funcionários tiraram a roupa duma jovem mulher Waimiri-Atroari que estava na BASE, obrigando-a a manter relações sexuais com eles. Segundo relataram os Waimiri-Atroari, um servidor tirou fotografias dos órgãos sexuais desta mulher indígena nua, numa cama, usando "flash".

O pesquisador observou, também, que alguns dos funcionários de origem indígena, ou que se dizem de origem indígena, estão apelando à oposição índio-branco para insuflar os Waimiri-Atroari contra pessoas que estes funcionários classificam de "branco" em tentativas de ganhar a chefia de posto e afastar qualquer pessoa que eles vêem como uma ameaça potencial aos seus interesses. Esta manipulação chegou a tal ponto que certos Waimiri-Atroari como Viana e seu irmão Mário, Barara, e muitos outros, estão falando constantemente

dentro da oposição "índio-branco", assumindo a ideologia dos funcionários e a forte discriminação contra pessoas classificadas como "brancos" por certos funcionários "indígenas". Frequentemente se ouve Waimiri-Atroari dizendo, "Branco não presta!", "Se enganando índio!", "Branco é mentiroso!", etc. Assim, certos funcionários "indígenas" conseguem que os Waimiri-Atroari rejeitem e discriminam contra qualquer pessoa que estes funcionários classificam como "branco".

A alta densidade de funcionários que se classificam como "caboclos" ou "índios civilizados" criou uma situação em que os Waimiri-Atroari estão assumindo a identidade estigmatizada de "caboclo". O Viana e outros Waimiri-Atroari frequentemente dizem que, "Índio não sabe!", "Índio não aprende!", etc., demonstrando frustração.

O pesquisador sugere que a FUNAI considere a redução do número de funcionários em contato constante com os Waimiri-Atroari.

A alta densidade de funcionários não se justifica mais, porque não existem mais indígenas arredios do grupo Waimiri-Atroari. A maioria mora em aldeamentos junto aos Postos da FUNAI, e aqueles poucos que moram em aldeias mais distantes, já moraram junto aos Postos por períodos longos e fazem visitas aos Postos.

O pesquisador é de opinião que a FUNAI deve investigar a possibilidade da existência de aldeias de outro grupo indígena, de outra língua, que, segundo os Waimiri-Atroari, se localizam nas cabeceiras do rio Branquinho (denominado "Pretinho" no mapa do Projeto RadamBrasil), entre as cabeceiras deste rio, aquelas do rio Alalaú, e o rio Janaperí. No caso de constatar a presença de indígenas arredios nesta região, será imprescindível a delimitação duma reserva para eles, considerando o grande interesse que empresas de mineração têm em toda esta área.

O pesquisador observou que o Viana e outros Waimiri-Atroari estão constantemente pedindo um professor para o Centro Educacional Gen. Euclides de Oliveira Figueiredo, inaugurado em 06/01/84, no Posto Indígena Terraplenagem, dizendo que a FUNAI os enganou, e que "Branco não quer ensinar índio".

No início deste ano (1985) a população dos aldeamentos Waimiri-Atroari nos Postos visitados era a seguinte:

Terraplenagem: Total 30. 15 masc. 15 fem.
15 adultos 15 menores

Alalaú Iº e Jará: Total 69. 33 masc. 36 fem.
29 adultos 40 menores
25 dos 69 deslocaram-se para "Jará", deixando
44 no P.I. Alalaú Iº, no início deste ano.

"Taquarizinho": aldeamento acima da BASE da FUNAI, na margem
direita do rio Alalaú.
Total 42. 23 masc. 19 fem.
19 adultos 23 menores

Taquari: Total 20. 08 masc. 12 fem.
09 adultos 11 menores

Abonari e Tokupuna: Total 33. (13 dos quais estavam no Posto Abonari construindo uma "cozinha" comunal e vila, segundo a direção do encarregado do Posto).
16 masc. 17 fem.
17 adultos 16 menores

(Não se dispõe de dados atualizados sobre a população do vale do Camanaú e da aldeia no alto rio Alalaú).

Stephen G. Baines

Stephen Grant Baines

Brasília, 25 de fevereiro de 1985